

Formação teológica é nosso forte

O zelo pastoral aliado ao rigor científico fazem da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção uma referência na formação de leigos, religiosos(as) e padres.

Confira

Bacharelado em Teologia

Curso matutino (4 anos)

Curso noturno: integrado Filosofia e Teologia (5 anos)

Pós-Graduação

Bíblia . Moral . Pastoral . Missiologia . Liturgia
Dogma . História

Venha estudar com a gente!

Maiores informações:

Av. Nazaré, 993 - CEP: 04263-100

Ipiranga - São Paulo

Telefone (011) 274-8600

O MUNDO DO NOVO TESTAMENTO

ENFOQUES A PARTIR DA ANTROPOLOGIA CULTURAL

BRUCE J. MALINA, *The New Testament World - Insights from Cultural Anthropology*, SCM Press Ltd., 1983, 26-30 Tottenham Road, London N1. (First published 1981 by John Knox Press, Atlanta), 169 páginas.

O documento da Pontifícia Comissão Bíblica, *La interpretación de la Biblia en la Iglesia*, Libreria Editrice Vaticana, 1993, trata, em seu primeiro capítulo, dos Métodos (Histórico-Crítico e Análise Estrutural) e Abordagens para a interpretação da Bíblia. Dentre as "Abordagens" está a "Abordagem pela Antropologia Cultural", definida no documento pontifício exatamente com as categorias que Bruce Malina apresenta nesta obra: "*En general, la antropología cultural procura definir las características de los diferentes tipos de personas en su medio social - como, por ejemplo, el hombre mediterráneo -, con todo lo que ello implica de estudio del medio rural o urbano y de atención a los valores reconocidos por la sociedad (honor y deshonor, secreto, fidelidade, tradición, género de educación y de escuelas); al modo como se ejerce el control social; a las ideas sobre la familia, la casa, la relación familiar, la situación de la mujer; a los binomios institucionales (patrón-cliente, propietario - arrendatario, benefactor - beneficiário, hombre libre - esclavo), sin olvidar el concepto de sagrado y profano, los tabúes, el ritual de pasaje de una situación a otra, la magia, el origen de los recursos, del poder, de la información, etc*".

A análise antropológica que Bruce J. Malina faz nesta obra explicita os aspectos acima relacionados e ajudam a melhor entender culturalmente o NT. Seguem alguns desses elementos:

1. O Novo Testamento não descreve o Ser Humano do ponto de vista psicológico, individual, subjetivo, pelo qual cada indivíduo é diferente; nem tão pouco o descreve do ponto de vista físico, natural, objetivo, onde os indivíduos percebem as mesmas sensações. O Novo Testamento faz uma abordagem do ponto de vista cultural, onde indivíduos "iguais" e "diferentes" trazem concepções grupais. Trata-se da área social e do comportamento de uma pessoa em relação ao grupo a

que pertence e de um grupo em relação aos demais grupos. O autor fala de uma cultura Mediterrânea do tempo de Jesus e define cultura em termos de "comportamento adquirido e transmitido por símbolos" (Clyde Kluckhohn). "Cultura é um sistema de símbolos relacionados ao povo e que abrange pessoas, coisas e eventos que são socialmente simbolizados" (p.11).

2. A cultura se comunica através da linguagem. Entender, no entanto, a linguagem pela qual uma determinada cultura se expressa não é tarefa tão simples de se realizar. Para entender uma passagem do Novo Testamento não basta apenas traduzi-la do grego a uma língua moderna. Há que se conhecer o contexto social e o significado de determinado comportamento humano naquele contexto. Este é o objetivo da antropologia. O processo pelo qual se entra numa determinada cultura é o que habitualmente vem sendo chamado de inculturação. Malina afirma que "para o cristão que acredita, a Encarnação do Verbo de Deus significa a inculturação da Palavra de Deus" (p.16).

É possível também compreender uma outra cultura graças ao processo de abstração, que é o processo de elaboração mental expresso pela linguagem. A cultura grega legou às civilizações modernas a capacidade de pensar abstratamente. Malina afirma que "nossa habilidade de pensar abstratamente nos possibilita gerar uma compreensão ordenada e sistematizada de nossas complexas experiências. A palavra "cultura... é pois uma abstração" (p.17). Por meio do pensamento abstrato, criam-se paradigmas e modelos para se estender as culturas (p.18).

A linguagem é o elemento simbólico de expressão da cultura. Um dos modos de expressão por meio da linguagem é a Religião. Esta se expressa por ritos, que são o veículo de comunicação do ser humano com a divindade. Os ritos são fruto dos modelos culturais de um povo. Jesus não menosprezou o aspecto religioso; quando purifica leprosos, por exemplo, ordena-lhes: "vai mostrar-te ao sacerdote". Por outro lado, nunca deixou de criticar a expressão religiosa instrumentalizada em detrimento da prática da lei maior do amor ao próximo (Mc 2,15 - 3,6).

3. Os modelos culturais são elementos relativos aos limites entre as pessoas e os grupos ou classes (pp. 25-50). O modelo que funciona como eixo na Sociedade Mediterrânea é a categoria de Honra e Vergonha. "Honra poderia ser descrita como comportamento e atitudes sociais peculiares na área onde se interceptam três categorias: poder, status sexual e religião" (p.27). Honra vem relacionada com o desejo que uma pessoa tem de sentir-se valorizada por si e pelos outros;

Vergonha é um símbolo positivo que significa a preocupação com a própria reputação e com a opinião dos outros sobre si. No campo da sexualidade, o conceito de honra vem sempre ligado ao homem e o de vergonha ligado à mulher, sempre em sentido positivo, pois é o que lhe garante ser honorável (ter honra) (pp. 44-46). A instituição que perpetua esta categoria de Honra e Vergonha é a família; o que garante a continuidade da família é o Matrimônio.

Quando uma sociedade funciona tranqüilamente por meio de seus modelos, e todos os membros se enquadram dentro das categorias pré-estabelecidas, dir-se-á que tal sociedade vive em harmonia. Prevalece, pois, o modelo estrutural funcionalista, isto é, um sistema de normas que são "o resultado de consenso (obrigação consensual) em que o povo livremente escolhe conduzir-se em certo modo" (p.19). A quebra de tal harmonia chama-se conflito. O mais comum numa sociedade, é a existência de conflito, que se dá quando determinado comportamento rompe as barreiras do estabelecido, como certas pessoas que se aproximam de Jesus (o leproso, a hemorroíssa, o endemoniado que está na sinagoga. A presença de Jesus e seu modo de agir, como o fato de curar em dia de sábado, rompem os modelos estabelecidos de uma sociedade de "puros" e "impuros".

A CATEGORIA DE PURO E IMPURO

A categoria de Puro e Impuro é a que mais determina o modelo de conflito da Sociedade Palestinense. Aqui não se trata só de um limite, mas de uma barreira que distingue o que é normal e o que é anormal, o que está dentro e o que está fora, o que é sagrado e o que é profano (p.26). O impuro não está apto a fazer parte do convívio normal na sociedade. É excluído; e tal exclusão tem uma força ainda maior porque, numa sociedade regida por leis religiosas como Israel, a pessoa que foi declarada impura não só está privada do relacionamento humano e social como também do relacionamento com Deus, que se faz por meio do culto, realizado no templo.

O fato de a pessoa não poder-se dirigir ao templo mostra que a categoria puro-impuro está ligada à categoria sagrado-profano. Quanto mais puro, mais sagrado e quanto mais impuro mais profano; mais distante de Deus e de seu lugar sagrado (o templo de Jerusalém). Por isso, o leproso purificado vai ao templo oferecer um sacrifício pela sua pu-

rificação. *Sacri-ficar* significa tornar sacro aquilo que fora violado pela impureza. “As regras da pureza em geral tem a ver com lugares e tempos” (p.125). Limpo e puro é o que está devidamente em seu lugar. Ser observante da Lei da pureza significa manter a ordem estabelecida. Desobedecer a Lei da pureza (tocar um leproso, por exemplo) significa subverter a ordem das coisas.

As regras de pureza se relacionam com o que é limpo ou sujo. Sujo é o que está fora de lugar (a terra que no jardim está em seu lugar; estará fora de lugar, e representa sujeira, se estiver no meio da sala de visitas). A impureza gritante chega ao grau de abominação (p.126). Abominação é aquilo que no interior de uma cultura atinge alto grau de repulsa, de anomalia. “Quando as anomalias são ignoradas, as pessoas perdem a confiança nos preceitos culturais” (p.127), o que causa, ao menos inicialmente, insegurança. A primeira tendência, por parte dos encarregados de manter a ordem (governos, elites) é “reduzir as ambiguidades e não chamar a atenção para as anomalias” (p.128); a segunda tendência é eliminá-las. É mais fácil remover a anomalia, o “problema”, que resolver. “O Judaísmo removia às periferias das cidades e vilas, pessoas afetadas com certos tipos de doenças de pele” classificadas como lepra (p.128).

A terceira prevenção é criar leis que assegurem a possibilidade de se proceder com tranquilidade à exclusão dessas pessoas. Desta forma, mesmo que tal segregação não seja justa, será legal. A quarta é rotular a pessoa como opróbrio público. Há aqui uma relação entre segurança e violência. As regras para proporcionar segurança e normalidade, geram, ironicamente, violência. A violência é praticada tanto por quem quer manter a ordem como por quem quer romper com uma ordem injusta e que segrega. Os responsáveis pela ordem praticam a violência da eliminação não da anomalia mas de quem pratica a anomalia. É necessário haver o bode expiatório (René Girard).

“Cada cultura têm tais leis de pureza; para cada cultura há um sistema de classificação; ainda que tais culturas adotem diferentes ênfases, perspectivas ou horizontes para desenvolver tais sistemas” (p.129). Para a sociedade moderna, é impuro todo aquele que não está em condições de produzir, quem não está “física e emocionalmente capaz de agir como um indivíduo. Adultos física ou emocionalmente dependentes são geralmente considerados impuros, incapazes de respeitar as linhas de sociabilidade” (p.130).

O NOVO TESTAMENTO E AS LEIS DA PUREZA

Jesus reagiu às leis judiciais. O ideal de pureza israelita estava relacionada à busca de perfeição e santidade, seguindo um esquema lógico: o indivíduo perfeito, inserido numa sociedade perfeita, que reconhece um Deus perfeito. Para Jesus, Deus está do lado de quem está fora de lugar (p.145); Deus está do lado do impuro para assim purificá-lo. Enquanto o Judaísmo distingue tempo profano de tempo sagrado (as festas), espaço profano de espaço sagrado (proximidade ou distanciamento do templo), Jesus revela que, aos olhos de Deus, sagrado é a criatura humana, imagem e semelhança do criador. Enquanto para o judaísmo a purificação se dá pelo rito e pala oferta de sacrifício, Jesus mostra que o que Deus quer é a misericórdia e a prática da justiça (p.145). As curas o colocavam em relação com pessoas impuras e impedidas de estar em contato com o resto do povo santo de Israel (leproso em Mc 1,40-45 e Lc 17,11-19; a mulher com hemorragia em Mc 5,25-34). Curando em dia de sábado, Jesus provoca debate sobre o sentido do sábado, isto é, o sentido de pureza relacionado com o tempo (p.143). Os doentes não tinham condições de observar ou transgredir o sábado, pois não podiam trabalhar. Jesus, libertando-os da doença, em dia de sábado, valoriza o sábado como dia da libertação e torna o ex-doente, a partir de então, apto para observar o sábado.

Em Marcos 7, Jesus mostra que impuro é o que de maligno sai do coração do homem. “Sua atividade e ensinamento aponta para uma nova visão de prioridades baseadas na percepção pessoal que Jesus tem de Deus e da vontade de Deus. As regras de pureza, conquanto importantes, não são centrais mas periféricas em relação a outras que são essenciais” (p.144). A Lei da pureza está para a Torah não a Torah para as regras da pureza. “O espaço (sagrado) de Deus é o lugar que Deus escolhe para revelá-lo. O lugar da assembléia é lá onde o povo de Deus se reúne para obedecer e honrá-lo, na linha do axioma profético “Misericórdia quero, não sacrifício” (Mt 9,13; Mc 12,33; Os 6,6; Mq 6,6-8), cf. p. 145.

Os Atos dos Apóstolos (p.146) mostram como a liberdade e a superioridade de Jesus e dos apóstolos em relação às regras da pureza abre as portas do Cristianismo aos gentios: “*não chames impuro (koinós = profano) o que Deus purificou (ekatharísen)*, cf. At 10,15. Em At 10,28, Pedro afirma, a respeito do relacionamento judeu e pagão: “vós

sabeis que é absolutamente interdito, um judeu relacionar-se com um estrangeiro ou entrar em casa dele. A mim, porém, Deus acaba de mostrar que a nenhum homem se deve chamar profano (kolvov) ou impuro (akaoaptov). E a respeito do costume da circuncisão, em At 15,9, o mesmo Pedro afirma que Deus "não fez distinção alguma entre eles (os gentios) e nós; pois purificou (katharísas) os seus corações pela fé".

Com Pedro e Paulo, acontece um verdadeiro exemplo de inculturação do cristianismo, cuja universalidade consiste em ser uma mensagem de salvação a todos os povos, das mais diferentes culturas. Paulo reverte os costumes no que diz respeito às regras de pureza. Para ele, o valor máximo é viver em Cristo ressuscitado. Tudo o mais se torna valor relativo. Paulo retoma e reinterpreta temas do judaísmo (p.147). Falando do templo dirá que os cristãos são os templos do Espírito Santo (1Cor 3,116-17; 6,19) e templos do Deus vivo (2Cor 6,16); sobre a organização do povo afirmará a unidade de todos formando um só povo em Cristo. O rito de iniciação é o Batismo que faz a todos morada de Deus no Espírito (Ef 2,19-22; 1Pd 2,4-10).

A obra de Malina mostra que "se os escritos do Novo Testamento "devem ressoar em nosso diferente contexto cultural, e se a fé deve ser tomada responsabilmente, então a teologia terá um compromisso com a cultura" (p.154). Entender a cultura é entender o ser humano; em nossa realidade trata-se da grande massa dos marginalizados. Daí que a antropologia deve ser entendida a partir dos excluídos da sociedade e que a melhor forma de inculturação é a imperiosa reafirmação pastoral e política da opção pelos pobres.

Pe. Pedro Luiz Stringhini é Mestre em
Re Bíblica e doutorando em Teologia
Bíblica em Roma
Via Aurélia, 527
00165 - ROMA
Tel.: 0039 6 6641 6031

DISSERTAÇÕES E TESES DEFENDIDAS:

AS COORDENADAS ANTROPOLÓGICAS DA ÉTICA

Pe. Pedro Sassatelli

O autor, ao apresentar sua tese doutoral em Teologia Moral, faz uma abordagem filosófico-teológica na ótica da Libertação. O trabalho de 268 páginas traz, em sua primeira parte, um estudo acurado sobre a Ética e o Ser Humano no contexto da Modernidade. Na segunda parte enfoca o conflito entre teoria e praxis e, na terceira e última parte trata da praxis como ética. Uma vasta bibliografia completa o trabalho.

MARIA NO VATICANO II: UMA LEITURA ECUMÊNICA

Pe. Humberto Capobianco, MSC.

A Dissertação de Mestrado apresentada pelo Pe. Capobianco estuda, de modo muito feliz, a figura de Maria numa abordagem ecumênica. Primeiramente o autor faz uma incursão na tradição da Igreja para haurir dali a doutrina Marial mais autêntica. Depois explicita essa doutrina no Concílio Vaticano II, especialmente na *Lumen Gentium*. Finalmente faz emergir do trabalho o ponto de vista não-católico do pós Concílio e aponta os caminhos para o diálogo.

RECONSTRUYENDO LA IGLESIA: LA ECLESIOLOGIA SUBYACENTE EN LA VIDA Y EN LOS ESCRITOS DE SAN FRANCISCO DE ASSIS FRENTE A LA CRISTANDAD FEUDAL, UNA LUZ PARA LA IGLESIA DE AMÉRICA LATINA

Frei Rodolfo de Jesus H. Celada OFM

O autor realiza sua dissertação de Mestrado em 388 páginas nas quais, com acurado senso científico, busca descobrir como dentro de um modelo de Igreja de Cristandade, sustentadora do regime feudal e da burguesia nascente, Francisco de Assis, sem entrar em conflito com a instituição, gera um modelo alternativo de Igreja junto aos pobres e marginalizados. O autor demonstra a verdade de que a eclesiologia do *poverello de Assis* é atualíssimo para a conjuntura latinoamericana.